



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Ana Maria de Souza Almeida

**ÁFRICA EM MIM:
HISTÓRIAS QUE O VOVÔ GOSTA DE OUVIR E DE CONTAR**

BELO HORIZONTE

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO LATU-SENSU EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA - LASEB

Ana Maria de Souza Almeida

**ÁFRICA EM MIM:
HISTÓRIAS QUE O VOVÔ GOSTA DE OUVIR E DE CONTAR**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e de Gênero, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Amélia de Paula Laborne

Co-Orientadora: Profa. Dra. Shirley Aparecida de Miranda

BELO HORIZONTE

2015

Ana Maria de Souza Almeida

**ÁFRICA EM MIM:
HISTÓRIAS QUE O VOVÔ GOSTA DE OUVIR E DE CONTAR**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e de Gênero, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Amélia de Paula Laborne

Co-Orientadora: Profa. Dra. Shirley Aparecida de Miranda

Aprovado em 09 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADORA: Profa. Dra. Ana Amélia de Paula Laborne – Faculdade de Educação da UFMG

NOME DO CONVIDADO – Faculdade de Educação da UFMG

AGRADECIMENTOS

A DEUS, pela benção da vida.

A Jesus de Nazaré, o maior educador da humanidade.

A meus pais, por me ensinarem a respeitar e valorizar a carreira docente.

Aos amigos da Fundação Caminho, Verdade e Vida.

À orientadora Profa. Ana Amélia, pelo cuidado e dedicação dedicados a mim.

À Co-Orientadora Profa. Shirley Aparecida de Miranda, pela generosidade e capacidade de ver o melhor em cada aluno.

À Ionara Godoy, ex-vice-diretora da UMEI Granja de Freitas, pelo apoio aos projetos idealizados por mim.

Aos colegas André Luiz Amâncio e Luciana Gonçalves Pinho, pela parceria e amizade.

Ao Sr. José Antônio de Campos, inspiração para o mascote do projeto.

Às crianças e familiares, personagens centrais desse trabalho.

A todos que, de alguma forma, somaram no êxito do projeto “África em mim: histórias que o vovô gosta de ouvir e de contar”.

BAÚ DE MEMÓRIAS I

*Todo povo tem história
Que precisa desvendar
Toda gente tem memória
Motivo pra se orgulhar.*

*“Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá”
Minha terra tem Palmares
E histórias pra contar.*

*Lá na Serra da Barriga
No nordeste brasileiro
Há uma história adormecida
De um valente guerreiro.*

*Neto de uma princesa
Das terras de além mar
O príncipe da realeza
Não desistiu de lutar.*

*Lutou pela sua gente
Anos e anos a fio
Por isso, bradamos contentes:
ZUMBI é o herói negro do Brasil.*

BAÚ DE MEMÓRIAS II

*Todo povo tem história
Que precisa desvendar
Toda gente tem memória
Motivo pra se orgulhar*

*Abri o baú afetivo
Da nossa Pátria gentil
E descobri a herança bonita
Dos africanos no Brasil*

*Lembrei as cantigas de roda
As danças, a capoeira
O hábito de contar histórias
A simpatia hospitaleira*

*Meu coração de criança
Bateu forte dentro do peito
Agradecido pela herança
Que faz de mim um brasileiro.*

RESUMO

O presente trabalho descreve e analisa uma prática pedagógica realizada em uma turma com crianças de cinco anos na Unidade Municipal de Educação Infantil Granja de Freitas (UMEI Granja de Freitas), localizada no Bairro de mesmo nome, na zona leste de Belo Horizonte. Tem como objetivo central a contemplação da Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003) e a reflexão sobre a aplicabilidade dessa Lei na primeira etapa da educação básica. Busca-se contribuir na construção de uma autoimagem positiva das crianças da turma acima mencionada através da valorização da cultura de suas famílias com enfoque na oralidade, valor civilizatório africano, através do projeto “África em mim: histórias que o vovô gosta de ouvir e de contar”. O referencial teórico fundamenta-se na Lei nº 10.639, nas *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira* (2004) e em alguns autores como Munanga (2005) Trinidad (2011) e Amarilha (2012), entre outros. A intervenção na instituição de educação infantil é uma tentativa de trazer as famílias para a discussão da temática racial e de práticas de enfrentamento do racismo na escola levando em consideração a idade dos alunos.

Palavras-chave: educação infantil, autoimagem, oralidade.

1	INTRODUÇÃO	7
2	TRAJETÓRIA DO DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AÇÃO	11
2.1	JUSTIFICATIVA	14
2.2	CONTEXTO SÓCIO HISTÓRICO E CULTURAL DA COMUNIDADE GRANJA DE FREITAS	15
2.3	A UMEI GRANJA DE FREITAS	17
3	PLANO DE AÇÃO: “ÁFRICA EM MIM: HISTÓRIAS QUE O VOVÔ GOSTA DE OUVIR E DE CONTAR”	20
3.1	ENCONTRO COM AS FAMÍLIAS	29
3.2	O LIVRO DE HISTÓRIAS	32
3.3	HISTÓRIAS QUE CIRCULAM	34
3.4	JOGOS AFRICANOS	35
4	AVALIAÇÃO	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS	41
	APÊNDICES	43
	ANEXOS	45

1 INTRODUÇÃO

Ingressei na Educação Infantil há 25 anos em uma creche filantrópica na região noroeste de Belo Horizonte. Atuei durante 10 anos como professora de turmas de 4 e 5 anos e 6 anos, como coordenadora pedagógica.

A creche tinha como órgão mantenedor um Centro Espírita e funcionava em um barracão localizado nos fundos. O presidente do Centro era o proprietário da casa. Após o falecimento de sua esposa, ele decidiu inaugurar a creche, antigo sonho de sua companheira.

Durante anos, a instituição funcionou apenas com doações dos colaboradores do Centro Espírita. Posteriormente, firmou convênio com a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), que pagava os educadores, oferecia suporte pedagógico e alimentação.

Tomei conhecimento da entidade através de um irmão, frequentador e colaborador da casa espírita. Iniciei como voluntária e, posteriormente, fui convidada a trabalhar como educadora e, anos mais tarde, como coordenadora pedagógica.

À época, atendendo a uma exigência da PBH, foram criados dois cargos, coordenador pedagógico e coordenador administrativo. Antes dessa exigência, eu respondia pelas atribuições de ambos os cargos.

A instituição que me abriu as portas da Educação Infantil despertou em mim o amor pela infância e pela educação. Desliguei-me da mesma no ano 2000, após a morte de seu fundador.

Quando, já atuando na Rede Municipal de Ensino (RME-BH), estive afastada da sala de aula por motivo de doença, realizei um projeto de contação de histórias na biblioteca da Unidade Municipal de Educação Infantil Granja de Freitas (UMEI Granja de Freitas). Nessa época, criei o personagem negro vovô Zezé para receber os alunos. Sua criação

foi uma homenagem a esse senhor, que acreditou em mim, pelo qual tenho profunda afeição. Ele era apresentado como “o cuidador dos livros da biblioteca, lugar onde as histórias dormem”.

Ao pensar o projeto “África em mim: histórias que o vovô gosta de ouvir e de contar”, o vovô Zezé foi escolhido para ser o mascote. Duas razões justificam essa escolha: o respeito aos mais velhos, sua sabedoria e sua afetividade, traços marcantes na maioria das sociedades africanas.

No ano de 2005, após ser aprovada em concurso para o cargo de Educador Infantil, tomei posse na UMEI Granja de Freitas, sob a direção da Escola Municipal Alcida Torres (EMAT). No ano de 2009, assumi o segundo cargo.

Filha de um lavrador e de uma dona de casa, sou a nona de onze filhos. Para alguém vinda dessa realidade cursar o “segundo grau”, atual ensino médio, era considerado, há alguns anos atrás, uma grande conquista. Estava implícito, na cultura em que estava inserida, que a Universidade não era lugar para nós, pobres, e, portanto, nem cogitávamos de frequentá-la. Estudei em escolas públicas até o ensino médio. Cursei o Magistério e o curso de Pedagogia em instituições particulares.

Devido a dificuldades financeiras e à necessidade de assistência à minha progenitora, só adentrei a Faculdade aos 42 anos de idade, embora o apreço pelo conhecimento me acompanhe desde a infância.

Fui uma criança tímida. A prática do Magistério foi e continua sendo libertadora porque considero a oportunidade de resgatar a criança que não fui e a professora que gostaria de ter. Presunção? Penso que não, apenas dever de quem vê a docência como um compromisso sagrado.

Devido a essa trajetória de vida e pelo fato de trabalhar com crianças de classes populares, sempre acreditei que elas mereciam o melhor, independente do extrato social a que pertenciam.

No intuito de atualizar minha prática, participei de cursos e seminários oferecidos pela PBH como “Ciranda da Infância” e “A cor da cultura”. O LASEB (Lato *Sensu* em Docência na Educação Básica) permitiu-me realizar o desejo de ser aluna da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Através das reflexões que o curso suscitou em mim e da convivência com colegas que participaram da edição anterior, percebi que, além da pobreza, a cor da pele é fator importante na definição de fracasso ou sucesso dos brasileiros e que a “democracia racial” que acreditávamos viver não passa de uma ilusão.

O presente trabalho, mais que uma exigência formal para obtenção do título de especialista do Laseb, é produto de interesse e prática de toda uma vida profissional. Relata as reflexões sobre os estudos realizados nas aulas do curso de pós-graduação, descrição e análise do plano de ação desenvolvido em uma turma de 5 anos na UMEI Granja de Freitas.

O eixo norteador foi a temática étnico-racial contemplada na Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003) na perspectiva de colaborar na formação de cidadãos que saibam viver e conviver com a diversidade.

Este trabalho tem como objetivo relatar e analisar a prática pedagógica aplicada em uma turma de 5 anos na referida UMEI, cujo eixo norteador foi a temática étnico-racial. O objetivo central era contemplar a Lei nº 10.639, promulgada no ano de 2003, que tornou obrigatório o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira nas redes pública e particular de ensino brasileiras, respeitando as especificidades da Educação Infantil.

Por essa razão privilegiou-se o trabalho lúdico, ou seja, a brincadeira e a contação de histórias. Buscou-se contribuir na construção da autoimagem dessas crianças, valorizando a cultura de suas famílias. Para esse desiderato, utilizei o recurso da contação de histórias, traço marcante das culturas africanas.

O silenciamento sobre a história dos africanos que foram feitos escravos e trazidos para o Brasil justificou a criação da lei acima mencionada que, ao adolecer, traz à tona um desafio: a consciência de que vivemos em um país que, apesar de ter mais de quinhentos anos, não conseguiu sequer discutir a questão racial.

2 TRAJETÓRIA DO DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AÇÃO

Meu ingresso nessa instituição se deu quando fui efetivada no ano de 2005. Anteriormente, trabalhei dezesseis anos como professora e coordenadora pedagógica em uma creche filantrópica na região noroeste de Belo Horizonte. Inicialmente na UMEI Granja de Freitas fui professora referência do berçário. Posteriormente, atuei nos dois ciclos da Educação Infantil como professora referência.

Em relação ao trabalho pedagógico, atualmente atuo como professora de apoio em turmas de quatro e cinco anos e, embora a realidade adversa em que se encontram, percebe-se nessas crianças, alegria em frequentar o ambiente escolar e grande curiosidade em descobrir coisas novas. A escola representa para algumas crianças um espaço de convivência pacífica.

Sou oriunda de uma família pobre e numerosa. Para meus pais, a escola representava o lugar do conhecimento, da cultura. A figura do professor era vista como uma autoridade a quem devíamos obedecer e respeitar. Na época, a Educação Infantil só existia no âmbito privado, por isso não a frequentei. Antes de entrar no ensino fundamental, antigo ensino primário, um fato impactou de forma negativa toda nossa família. Minha mãe tornou-se hemiplégica devido a um acidente vascular cerebral. Essa paralisia perdurou vinte e oito anos, até o final de sua vida. Voltando-me ao passado, penso que esse acontecimento influenciou de forma negativa a construção de minha autoimagem e, conseqüentemente, autoestima. Sentia-me inferior às outras crianças, leitura que só me foi possível fazer, naturalmente, na idade madura.

Certa vez, um colega de trabalho negro me disse que se eu fosse negra, minha vida seria mais difícil ainda. Disse-me que eu não posso imaginar o que ele sente quando uma pessoa que está em um ponto de ônibus, por exemplo, segura a bolsa mais forte, pelo simples fato dele ter a pele escura. Como possuo a pele clara, não tinha ideia do quanto à cor da pele faz diferença no tipo de tratamento dado às pessoas. Esse fato me

tocou e passei a observar mais atentamente as crianças de pele escura com as quais trabalho.

Os livros de contos de fada apresentam personagens de fenótipo europeu. Ao manusear os livros, é comum ouvir as meninas dizerem que elas são essas personagens. Ao pedir uma criança que fizesse seu autorretrato, a mesma pintou os cabelos de loiro. Eu perguntei-lhe se seus cabelos eram daquela cor e me ela disse que não. Falou-me que pintou de amarelo porque achava bonito.

Meu interesse pela temática étnico-racial surgiu devido à convivência com colegas que já realizaram o curso de pós-graduação na UFMG, especialmente o professor, meu colega de trabalho e amigo, citado acima, bem como minha participação no seminário “A cor da cultura” e às observações realizadas no ambiente escolar. Como educadora, entendo que é meu dever, não somente cumprir uma lei federal, mas, conhecer minha história e do meu país. Por essa razão, concorri ao sorteio para concorrer a uma vaga no curso de pós-graduação oferecido pela PBH, ministrado pela UFMG no curso “Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e de Gênero”, em busca de aperfeiçoar minha prática, adequando-a aos conhecimentos acadêmicos que ainda não possuo.

Há um ano, idealizei, na UMEI Granja de Freitas, o projeto “África em mim” com base na Lei nº 10.639/03, que visa à valorização da cultura africana e o reconhecimento de sua importância na formação do povo brasileiro.

Meu objetivo era uma reflexão sobre o que há em nós e à nossa volta, que nos remete à herança dos nossos antepassados africanos. Inicialmente, enviei uma carta (APÊNDICE A) às famílias das crianças. De forma simples, explicava o objetivo do trabalho e sua metodologia lúdica, respeitando-se a faixa etária das turmas envolvidas. Também enviei o Termo de Autorização de uso de imagem e de depoimentos sem fim comercial (APÊNDICE B).

Na referida carta, pedia que as famílias respondessem a duas perguntas. A primeira era se o responsável reconhecia em si e em sua casa algo da herança dos nossos antepassados africanos e, se sim, que a descrevesse. Já a segunda pergunta questionava as famílias acerca da importância ou não dessa temática e que justificassem a resposta.

Além disso, foi pedido que enviassem à escola desenhos, fotos, reportagens ou qualquer outro tipo de contribuição para o projeto. Numa das salas onde havia vinte crianças, apenas uma trouxe a resposta da carta. A falta de envolvimento dos responsáveis foi um obstáculo inicial para o sucesso do trabalho. Uma vez que a parceria com as famílias era um dos objetivos principais do referido projeto. Talvez a proposta não estivesse adequada a esse público específico. O tema é complexo. No próprio material destinado a discutir a questão racial dedicado à Educação Infantil da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), por exemplo, há sugestão de uma atividade que reproduz o modelo de exclusão da criança ao invés de valorizar sua cultura. A construção da árvore genealógica pedida na atividade não contempla as diferentes famílias existentes no ambiente escolar. Algumas crianças não conhecem a figura paterna e não sabem sequer o nome do pai. Outras vivem somente com os avós, após serem abandonadas pelos pais biológicos. Há ainda os oriundos de uniões homoafetivas, etc.. Todos esses casos não estão contemplados na atividade citada. A criança proveniente de outro modelo familiar poderá sentir-se excluído, como se algo lhe faltasse. Esse exemplo diz quanto caminho ainda temos de percorrer para a compreensão do que seja uma educação para a diversidade. Séculos de uma cultura de segregação deixa marcas que não são fáceis de apagar.

Após meu ingresso no Curso de Especialização *Lato Sensu* em “Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e de Gênero” e as reflexões que ele me proporcionou, (re) criei o Projeto denominando-o como *África em mim: histórias que o vovô gosta de contar e de ouvir*, cujo plano de ação foi executado junto à turma de cinco anos da UMEI Granja de Freitas.

2.1 JUSTIFICATIVA

O papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, para a formação da personalidade e aprendizagem. Nos primeiros anos de vida, os espaços coletivos educacionais os quais a criança pequena frequenta são privilegiados para promover a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito, discriminação e racismo. As crianças deverão ser estimuladas desde muito pequenas a se envolverem em atividades que conheçam, reconheçam, valorizem a importância dos diferentes grupos étnico-raciais na construção da história e da cultura brasileiras. (BRASIL, MEC, 2004, p.47-48).

A *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)* de 1996 reconheceu a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica. Os primeiros anos de vida são cruciais na construção da identidade do indivíduo. Isso porque, nessa fase, a criança é totalmente dependente daqueles que a cercam.

O cuidar e o educar estão ligados de forma indissociável na Educação Infantil. Como se sabe, a existência do ser humano perpassa pelo princípio de alteridade a partir do convívio e do olhar do outro. Necessário, então, que esse olhar seja acolhedor, sensível às diferenças e atento ao multiculturalismo existente no ambiente escolar.

A Educação Infantil é a primeira separação entre a criança e sua família. Esse momento representa a inserção dos pequenos em outro grupo social posterior ao dos familiares. Esse instante constitui então um momento fértil para a sementeira de princípios norteadores de uma sociedade na qual a democracia racial não seja um mito, mas, uma realidade a ser testemunhada por todos os seus indivíduos.

Tomei conhecimento da Lei nº 10639/03 através de um colega que fora aluno do curso de Especialização na Faculdade de Educação da UFMG, quando o mesmo ainda era denominado “História da África e Cultura afro-brasileira”, o qual levou a discussão acerca da compreensão da necessidade, não somente da Lei, mas também, de um aprofundamento em relação à questão racial brasileira e, em especial, na Educação Infantil, área na qual atuo há 25 anos, como já afirmado.

Minha formação acadêmica em relação a essa temática era completamente deficiente, bem como parte considerável dos docentes de minha geração. A imagem da África na escola, diga-se de passagem, no pequeno espaço reservado a ela, sempre foi associada à escravidão, pobreza e barbárie, como um lugar de não civilização.

Desse modo, escolhi, então, a temática étnico-racial porque percebia, na turma em que atuo como professora de apoio e em conversa com a professora referência, que os meninos e meninas da sala se diziam ser os personagens de pele clara e fenótipo europeu retratados nos livros infantis, muito embora a maioria tivesse a pele de cor preta, negando assim seu pertencimento à raça negra.

Algumas meninas passavam a mão no cabelo liso de outras colegas e afirmavam que gostariam de ter um cabelo bonito como aquele. Certa vez, uma menina negra, cujo irmão é branco de olhos azuis, justificou o fato de ele ser mais agitado porque era o único branco da casa e, por isso, não obedecia. A própria família entendia que pelo fato de ser branco, o menino tornava-se revestido de privilégios que os irmãos negros não possuíam. Esses fatos comprovam que a chamada democracia racial brasileira é, na verdade, um mito.

Esse projeto almejou revisar uma história que seja realista e revestida também de uma beleza singularmente herdada dos antepassados africanos e afro-brasileiros dos quais se pode orgulhar e se espelhar.

2.2 CONTEXTO SÓCIO HISTÓRICO E CULTURAL DA COMUNIDADE GRANJA DE FREITAS

Diante do objetivo desse trabalho de contemplar a Lei nº 10.639/03, o presente trabalho buscou trazer as famílias para a discussão da temática racial, refletir sobre valores herdados dos africanos na perspectiva de contribuir na construção da autoimagem positiva das crianças, através da valorização das famílias com ênfase na oralidade.

A UMEI Granja de Freitas localiza-se à Rua São Vicente nº 371 , bairro Granja de Freitas, como já afirmado. O bairro situa-se na Regional Leste de Belo Horizonte e limita-se, ao sul, com o Conjunto Taquaril. A leste, limita-se com algumas chácaras na divisa do município de Sabará. A oeste, estão os bairros Alto Vera Cruz e Saudade e, ao norte, encontra-se a Vila da Área, à margem do Ribeirão Arrudas. Esse bairro é formado por quatro conjuntos habitacionais criados por meio do Orçamento Participativo de Belo Horizonte de 1996.

A PBH iniciou a ocupação da área em questão com a construção do primeiro conjunto habitacional, o Conjunto Granja de Freitas I, construído em 1997 com 85 unidades de casas geminadas, na antiga Fazenda Freitas. O segundo conjunto habitacional, o Conjunto Granja de Freitas II, foi inaugurado em dezembro de 2001 e conta com 544 unidades habitacionais. O terceiro conjunto criado foi o Conjunto Habitacional Granja de Freitas III, denominado Residencial Jardim das Orquídeas, inaugurado também em 2001, com 146 unidades habitacionais. Por fim, o quarto conjunto habitacional, o Conjunto Granja de Freitas IV, foi inaugurado em 2004. Atualmente, esses conjuntos habitacionais formam o bairro denominado Granja de Freitas.

A ocupação desses diversos imóveis beneficiou famílias do Movimento dos Sem-casa que foram removidas em função da situação de risco ou devido à implantação de obras públicas e encaminhadas através dos programas das políticas sociais da PBH. Trata-se de uma comunidade extremamente vulnerável. Os adultos apresentam baixo grau de escolaridade, em geral, o ensino fundamental incompleto e grande parte depende financeiramente de projetos governamentais, a exemplo do Programa Bolsa Família.

Na comunidade, havia apenas uma escola estadual de ensino fundamental, Doutor Júlio Soares, que foi municipalizada. Atualmente, o bairro se encontra em ampla expansão demográfica com a construção de outros conjuntos habitacionais e, por isso, além dessa escola, há outra em construção bem como um Conselho Regional de Assistência Social (CRAS), a fim de que se atenda à demanda dos moradores.

O comércio da região é precário, constituindo-se apenas de uma pequena padaria, um mercadinho e um pequeno depósito de materiais de construção; não há farmácias, entretanto, os moradores são atendidos, ao menos em parte pela farmácia do Centro de Saúde que se situa na mesma área da UMEI. Ademais, não há opções de lazer, como praças ou quadras, que atendam à comunidade. Há várias igrejas de denominação evangélica e um galpão da igreja católica, que funciona como local para celebração de missas.

A gravidez na adolescência é um fato recorrente na comunidade e a maioria das famílias tem entre de três a cinco filhos, geralmente de pais diferentes. A figura paterna está praticamente ausente na criação e na educação dos alunos matriculados na UMEI. Existem, portanto, várias configurações de famílias na região.

Há relatos frequentes feitos pelos alunos de casos de prisão, brigas e homicídios no bairro. É grande o número de crianças criadas por avós ou outro familiar devido ao abandono dos pais biológicos. Existe uma cultura de predominância da violência no bairro. Algumas mães tratam os filhos, mesmo dentro da escola, de forma agressiva e humilhante. Faz-se necessário apontar ainda que a instituição atende também a moradores de abrigo da PBH localizado no bairro Taquaril, além de outros alunos com medida de proteção.

Atualmente, a população encontra-se amedrontada devido à disputa por pontos de drogas entre traficantes da região e de bairros vizinhos. Recentemente, uma professora da UMEI foi baleada em frente à escola quando esperava o ônibus, vítima de uma bala perdida.

2.3 A UMEI GRANJA DE FREITAS

A Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) Granja de Freitas foi inaugurada em 28 de junho de 2004 e tem por entidade mantenedora a PBH que é responsável pelo repasse de verbas, municipal e federal, através da Caixa Escolar.

Essa instituição, por sua vez, financia os gastos destinados à manutenção da escola e de seus alunos e funcionários do quadro de faxina, cantina, porteiros, vigias e auxiliares de apoio à inclusão. Todos os gastos são avaliados e são prestadas contas ao colegiado em reuniões mensais.

A criação da UMEI Granja de Freitas surgiu a partir da adequação de um espaço inutilizado (centro cultural comunitário) que existia na região para que pudesse atender aos moradores quanto às necessidades relacionadas à educação e saúde. Por essa razão, criou-se, concomitantemente, a escola de educação infantil e, também, o posto de saúde que, como já mencionado, funciona em um espaço acima da UMEI.

De acordo com o Programa Primeira Escola, em abril de 2004, a PBH deu início ao atendimento da primeira infância em espaço específico da PBH, as UMEI's. Para tanto, era necessária uma escola núcleo que administrasse a nova UMEI, foi determinada para tal a Escola Municipal Professora Alcida Torres, por ser a mais próxima.

Dessa forma, a direção e a vice-direção ficaram a cargo de duas professoras da escola núcleo.

A Regional Leste selecionou os candidatos para os serviços de faxina e cantina. Na época, como ainda não havia sido realizada a nomeação de educadores infantis, o corpo docente foi formado por professores municipais da Escola Municipal Marília Tanure Pereira.

Esses professores atuavam em regime de extensão de jornada de trabalho com acompanhamento da CEI-Leste (Centro de Educação Infantil), que atuou na formação dos professores para o atendimento das crianças pequenas e acompanhou todo o trabalho realizado no período de maio a dezembro de 2004.

Assim, em 26 de junho de 2004, foi inaugurada a UMEI Granja de Freitas, sob a direção da Escola Municipal Professora Alcida Torres.

A partir de 2005, a PBH autorizou que as UMEI's tivessem um cargo de vice-diretor, cujo mandato seria de dois anos. Assim, uma professora lotada na Escola Municipal Alcida Torres assumiu o cargo e permaneceu na UMEI até dezembro de 2008. Em 2009, o período de mandato foi ampliado para três anos, e outra docente da escola núcleo assumiu o cargo de vice-diretora, após vencer a eleição.

A UMEI passou por algumas revitalizações. Em 2009, foi construído o campinho. Quanto ao espaço físico da instituição, além de oito salas de aula, a escola possui diretoria, secretaria, sala de professores, dois banheiros masculinos e dois femininos, biblioteca, lavanderia, refeitório e cozinha. Por reconhecer a importância do espaço lúdico para a infância, a UMEI possui ainda de um campo de futebol gramado, área externa coberta e um playground.

3 PLANO DE AÇÃO: “ÁFRICA EM MIM: HISTÓRIAS QUE O VOVÔ GOSTA DE OUVIR E DE CONTAR”

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional.(MUNANGA,p.16,2005).

O estudo da temática étnico-racial não diz respeito apenas aos alunos pertencentes à raça negra, mas sim, a todas às crianças brasileiras por ser a matriz africana um dos pilares da formação do Brasil e de seu povo.

Há muito da África em nós, brasileiros. Nossa cultura é permeada por essa herança seja na alimentação, no vocabulário, nas brincadeiras, na música, no vestuário, etc.. Ademais, a cultura de um determinado povo não é superior a de outro, todas deveriam ter o mesmo valor. Entretanto, ao longo da História, as instituições brasileiras de ensino têm privilegiado a visão eurocêntrica em detrimento das culturas negra e indígena.

Essas duas matrizes que contribuíram igualmente para a formação do nosso país são apresentadas como culturas subalternas ou subculturas. Ao retratá-las, sempre o fizeram de forma humilhante e desumana. Obviamente que esse fato não ocorreu por acaso. Para justificar a escravidão e o rapto de pessoas que eram livres em seus países, criou-se, então, o argumento de que havia uma raça superior e outras inferiores, as quais deveriam se subordinar à primeira.

Esse crime que maculou a História do Brasil ainda repercute na sociedade e nas escolas brasileiras. Portanto, é direito de todo cidadão o conhecimento de sua história e da história de seu povo. Mesmo que seja o segundo país com o maior número de

negros do mundo, os personagens dessa raça encontram-se ausentes na literatura, na mídia televisiva, nas revistas, jornais, etc..

Ao não se verem representada nas histórias infantis e perceber personagens brancos nos papéis de príncipes e princesas, as meninas e os meninos e negros internalizam que ser negro é feio, daí buscam o embranquecimento que os tornariam valorizados. A esse processo, o sociólogo Munanga (2008) chama de “alienação”.

O contato com a literatura anteriormente citado e as análises suscitadas em mim estimularam-me a desenvolver o plano de ação abordando a temática étnico-racial. Assim surgiu o projeto “*África em mim: Histórias que o vovô gosta de ouvir e de contar*” em uma turma de cinco anos da UMEI Granja de Freitas.

Esse projeto contemplou a Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira e teve como objetivo o reconhecimento da herança africana existente na cultura das crianças e suas famílias e, como mote principal, a contação de histórias.

Esse projeto teve duração entre os meses de março a dezembro de 2014 e ocorreu em uma turma de cinco anos da UMEI Granja de Freitas no ano de 2014, composta por 22 crianças, isto é, 13 meninas e 9 meninos. Desse total, apenas quatro eram novatos; os demais já frequentavam a escola em 2013. As crianças adaptaram-se com facilidade à rotina escolar. Eram curiosas, expressavam desejos e sentimentos. Apenas duas não apresentavam oralidade compatível com a idade, ou seja, não pronunciavam bem as palavras. A turma estava saindo da fase egocêntrica, isto é, iniciando hábitos de partilha e internalização de regras de convívio social.

Às vezes era necessária a intervenção da professora na solução de conflitos causados pela partilha de materiais e brinquedos. A maioria escrevia o nome com ajuda da ficha, assim como não reconhecia os numerais e tampouco possuíam a ideia de quantidade. Exploravam os espaços escolares e demonstravam alegria em frequentar a instituição.

Iniciei o projeto no mês de março de 2014 com a apresentação do mascote, um boneco de pano de cor preta chamado vovô Zezé. contei para a turma sua história: ele nasceu no Brasil, mas seus pais vieram de um país chamado Moçambique, localizado na África, um lugar longe daqui.

Quando o vovô era criança, seus pais contavam-lhe histórias de príncipes e princesas africanos. Ele veio visitar nossa UMEI por que desejava visitar a família das crianças e ouvir suas histórias. Junto com ele, veio um livro em branco, onde os familiares registraram as histórias contadas por elas. Cada criança fazia o desenho da história no livro e fazia o reconto, na roda, em sala de aula. A turma de cinco anos recebeu com muito carinho a visita do vovô e demonstrou desejo em levá-lo para casa.

A etapa posterior à apresentação do mascote do projeto foi a contação de histórias realizada em sala de aula. Ler em voz alta é uma forma de dar voz e corporeidade ao texto, conforme afirma Amarilha:

O sujeito que lê em voz alta o faz agregando sua experiência leitora o esforço físico de produzir os sons do texto. A integração desse aspecto físico do leitor à atividade mental de ler como que duplica sua autoria. Não somente do ponto de vista das possíveis significações que a leitura provoca, mas de fato esse leitor mediador faz emergir a voz que todo eixo narrativo traz em sua estrutura. (AMARILHA, 2010, p85).

Estudos apontam que a leitura em voz alta realizada pelo professor estimula os alunos a se interessarem pela leitura, desenvolve a concentração e a criatividade.

O primeiro livro foi a ser lido foi *Menina bonita do laço de fita*, da autora Ana Maria Machado (1994). Esse livro é muito conhecido e faz parte do programa “A cor da cultura.”(FIG. 1).

Figura 1: livro *Menina Bonita do laço de Fita* (MACHADO, 1994)



Após a leitura, as crianças fizeram o reconto e começamos o ensaio para a encenação da história do livro feita por elas e apresentada na grande roda, para toda a escola. A turma se envolveu bastante na preparação do teatro (FOTO.1).

Foto 1: Encenação do livro *Menina Bonita do laço de Fita* (1994)



Fonte: acervo pessoal.

A escolha dos papéis foi realizada em comum acordo com os alunos. Importante ressaltar a alegria dos mesmos no dia da apresentação. No livro citado, Ana Maria Machado procura assinalar a beleza da raça negra. No entanto, na pág. 3, ela compara a cor da menina à pele brilhante da pantera negra. Há um desenho enorme do animal. Importante ressaltar a dubiedade presente nessa colocação, uma vez que a autora relaciona uma criança a um animal.

Embora seja um livro que se propõe a discutir a questão racial, essa comparação poderia inculcar nos pequenos a ideia de que ser negro é ser parecido com um animal, ou, quase um selvagem.

Sobre essa imagem distorcida da raça negra, Vieira(2006, p.1) afirma que: “No entanto ainda prevalece a imagem do selvagem africano atrasado e ignorante. As próprias línguas e etnias africanas são reduzidas até hoje no imaginário popular à condição de dialetos e tribos.” A passagem em que a autora compara a criança a um animal não foi narrada no momento da encenação, por considerá-la preconceituosa e em desacordo com o objetivo do projeto.

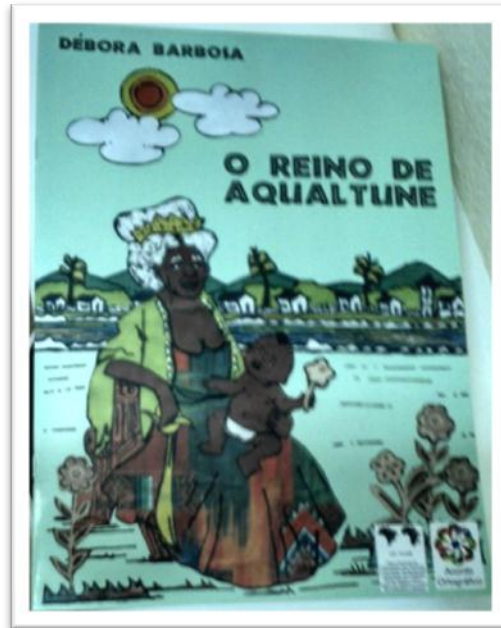
O segundo livro trabalhado em sala foi *O Reino de Aqualtune*, escrito e ilustrado pela autora Débora Barbosa (2009). Nesse livro (FOTO 2) a professora Débora narra a trajetória de Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares.

Após o final da história, uma criança disse que a avó de Zumbi era feia. Eu perguntei o porquê e ela respondeu que o desenho de Aqualtune que ilustra a capa do livro, não se parecia com uma princesa de verdade, criticando a roupa e a coroa. Nesse momento minha colega, professora referência da sala, que estava presente, argumentou que a avó de Zumbi era bonita sim, que a ilustração é que não era bem feita.

Considereei providencial a fala da minha colega de trabalho porque os traços da avó são grosseiros e a roupa usada por ela cai dos ombros, reforçando a ideia erótica, tão presente no imaginário popular, quando se fala de mulheres negras brasileiras, herança dos 350 anos de escravidão em nosso país. Ademais, há dados incorretos sobre a

idade em que Zumbi foi escravizado e não esclarece a razão da existência de Palmares.

Foto 2: Livro *O Reino de Aqualtune* (BARBOSA, 2009)



Fonte: acervo pessoal.

Após a orientação recebida e as reflexões que o Laseb me proporcionou, percebi a necessidade de explicar às crianças o porquê da existência do Quilombo, uma vez que não estava explícito no livro.

Em seguida li para a turma o poema “Baú de Memórias”, de minha autoria, a epígrafe deste trabalho, em que o Zumbi é apresentado como o herói negro do Brasil. Devido à pouca idade da turma, percebi uma certa dificuldade em apreender o poema, mas creio que as crianças captaram a mensagem principal. Em outros momentos, fiz a releitura da poesia com elas. Meu objetivo era que o poema fosse apresentado na festa de despedida dos alunos da escola, mas, infelizmente, o tempo não foi suficiente. Optei, então, pela apresentação de uma coreografia criada por mim para a música “O Herrói” (2013), com letra de Paulo Valle e música de Péricles Garcia. O trecho a seguir traz uma mensagem de empoderamento da família, na medida em que retrata a fala de um filho que vê no pai um herói da vida real.

Sua fé e determinação
Trazem paz pra eu me encontrar

Tenho orgulho em acreditar
Nesse herói dentro do meu lar
Nesse herói dentro do meu lar

Superseja o que quiseres
Queira tudo aquilo que tiver
Mude sempre algo que puderes
Viva intensamente o que vier
(VALE; GARCIA, 2013).

Surpreendeu-me o fato das crianças não somente dançarem, mas também cantarem a letra que é extensa. É possível observar a alegria e o entusiasmo dos alunos nas fotos 3 e 4 da apresentação. A letra da música se encontra no anexo A.

Foto 2: Crianças dançando a primeira parte da música “Herói”



Fonte: acervo pessoal.

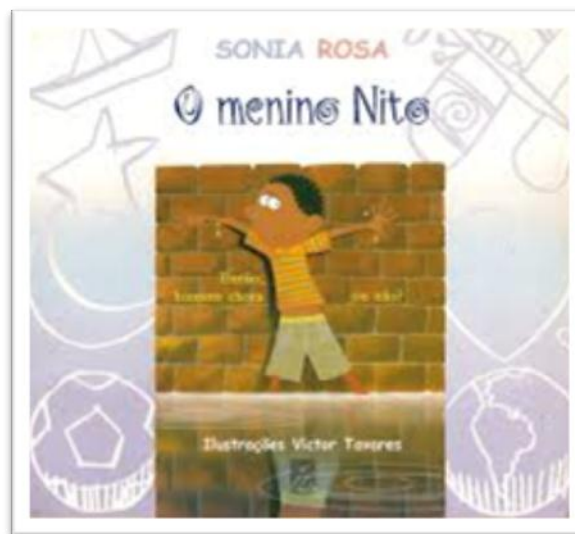
Foto 3: Crianças dançando a segunda parte da música "O Herói"



Fonte: acervo pessoal.

O terceiro livro lido em sala foi *O menino Nito* (FIG. 2), de autoria de Sônia Rosa (2002), história do menino Nito, que era bonito e chorava sem motivo. As crianças adoraram, principalmente a parte em que, após ouvir do pai que “homem não chora”, o médico da família diz que Nito precisava chorar todas as lágrimas guardadas. A história é de fácil assimilação e contribui para o sucesso do livro entre os alunos. Em outra ocasião, apresentei a história em vídeo, a animação *O menino Nito - Então, homem chora ou não?*, uma parte da turma demonstrou grande interesse. Curioso observar como está arraigada, em nossa cultura, a ideia de que o homem deve ser forte e, portanto, não deve chorar. Mesmo após assistir ao filme, algumas crianças reiteraram a afirmativa acima. Eu disse a elas que homens e mulheres têm lágrimas e que choramos por vários motivos, inclusive de alegria.

Figura 2: O livro *O Menino Nito* (ROSA, 2002)



Fonte: Conversas..., 2015.

Embora as personagens sejam somente o menino, sua família e o médico, chamou-me a atenção o fato de todos serem negros e viverem em uma casa confortável. Penso que essa imagem ajuda a desmistificar as histórias que mostram pessoas de cor escura ocupando sempre lugares pobres e sujos, como se esses fossem o habitat natural deles (FOTO 5).

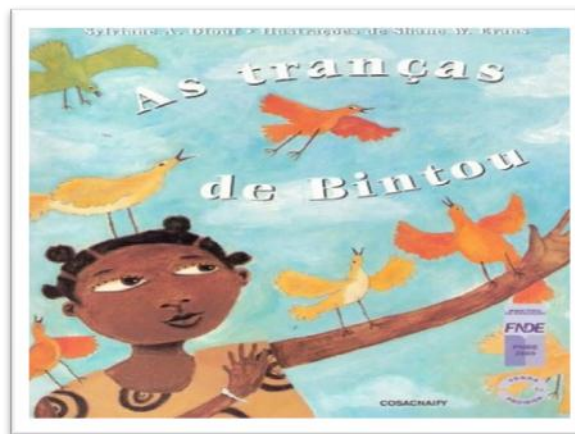
Foto 5: Professora lendo o livro *O menino Nito* (2002)



Fonte: acervo pessoal.

O quarto livro a ser explorado foi *As tranças de Bintou*, de Sylviane A. Daouf, mas como a professora referência já havia realizado a leitura com a turma (FIG. 3).

Figura 3: O livro tranças de Bintou (DAOUF, 2002)



Fonte: AS TRANÇAS..., 2015

Optei pelo conto popular moçambicano, em formato de livro, *O elefante escravo do coelho*, da Coleção Giramundo Reconta, com texto de Sônia Junqueira (2011). O grupo

Giramundo de teatro de bonecos de Belo Horizonte, após quarenta anos de existência, trouxe para a literatura a beleza de seus bonecos através de recontos de algumas histórias, entre elas um conto africano. Entre elas, Zé do Conto, um boneco criado especialmente para contar histórias, narra de forma simples e engraçada a narrativa sobre um coelho que consegue ludibriar o elefante (FIG.4).

Figura 4: Livro *O elefante escravo do coelho* (JUNQUEIRA, 2011)



Fonte: O ELEFANTE..., 2015.

De fácil entendimento, as crianças se divertiram e, no dia posterior, dividi o quadro em partes iguais onde cada um desenhou, do seu modo, a parte da história que mais gostou. Elas admiraram a ilustração do livro, disseram que os desenhos eram diferentes dos desenhos que conheciam.

3. 1 ENCONTRO COM AS FAMÍLIAS

No dia 5 de maio, realizei, com a ajuda da coordenação e vice-direção da escola, um encontro com os familiares para apresentação do projeto que culminou com um piquenique no campinho da UMEI (FOTOS 6;7;8;9). Iniciei a reunião e expliquei aos presentes que o trabalho fazia parte do curso em que estava participando no Laseb/UFMG, que estava amparado na Lei nº 10.639/03. Minha colega de trabalho,

professora referência da sala, ex-aluna do Laseb nesse mesmo curso, fez questão de participar com comentários pertinentes. Ela pediu às famílias que observassem as mochilas e perguntou se as crianças se pareciam com os desenhos das mesmas: meninas loiras de olhos azuis. Os presentes disseram que não. Uma mãe argumentou que “não existe outro tipo de mochila para comprar”. O argumento era que a ausência de produtos que contemplem a diversidade diz da invisibilidade a que são submetidas as pessoas cujo fenótipo foge ao modelo eurocêntrico (FOTO 6).

Foto 6: Professora apresentando o projeto à família



Fonte: acervo pessoal.

Em seguida, exibi o vídeo *Quilombo dos Palmares* (2010) e falei da herança africana como um dos pilares da construção do Brasil e de seu povo (FOTO 7).

Foto 7: Professora apresentando o vídeo *Quilombo dos Palmares* (2010)



Fonte: acervo pessoal.

Após, realizamos uma brincadeira de Moçambique, antes assistimos um vídeo da cantora moçambicana Lenna Bahule. Logo depois da exibição desse vídeo, os adultos se organizaram em círculo com a mão direita sobre a mão esquerda da pessoa à direita e a mão esquerda sob a mão direita da pessoa à esquerda. Todos cantavam a música: “A do lee tá, la do lê ta li to lá nem café nem chocolá adoletá fui ao cemitério encontrei um morto vivo que dizia: badum, badum, badum, badum, badum, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10” enquanto batiam a mão direita sobre a esquerda do vizinho. Eu ensinei a brincadeira e fui justamente a primeira a sair. Ganhou o primo de uma aluna. Interessante que, enquanto os adultos brincavam, os alunos se posicionaram dentro da roda torcendo por seus familiares. A brincadeira proporcionou um momento de descontração e conexão entre a criança e seu responsável (FOTO 8).

Foto 8: Professora coordenando brincadeira africana com as famílias



Fonte: acervo pessoal.

A participação foi total e depois todos participaram do lanche fora de sala (FOTO 9). Sempre acreditei na parceria “família – escola”. Esse encontro veio sedimentar essa crença ao observar a alegria que os alunos sentiram ao ver seus familiares dentro da escola e vice-versa. Também tive a satisfação de poder apresentar aos familiares o meu trabalho junto às crianças e tentar despertá-los para os temas educação infantil, autoimagem e histórias que representavam com sabedoria e alegria seres semelhantes aos seus filhos, meus alunos.

Foto 9: *Piquenique com as crianças e familiares*



Fonte: acervo pessoal.

3.2 O LIVRO DE HISTÓRIAS

Conforme combinado com as famílias, cada criança levou para casa um livro em branco feito de folhas encadernadas para registro da história contada por ela e recontada em sala pela criança, além do mascote do projeto, o vovô Zezé. A vice-diretora sugeriu que os alunos fizessem o registro em desenho também. A turma ficou muito entusiasmada e alegre em levar o vovô para casa (FOTO 10).

A proposta era que um adulto da família contasse à criança uma história aprendida na infância ou criada por ele mesmo. A maioria da turma realizou a tarefa proposta (FOTO 11). Alguns poucos esqueceram a história e a lembravam na medida em que eu lia a parte escrita pela família (ANEXO B). Uma aluna trouxe o livro sujo de chocolate, outra ainda entregou o livro quinze dias após o combinado, depois de uma conversa que tive com a mãe dela e expliquei a importância da participação da menina.

Foto 10: Criança levando o vovô Zezé para casa



Fonte: acervo pessoal.

Relevante relatar a alegria que os alunos sentiam em apresentar à turma algo de suas família, de suas casas. Esse sentimento de pertencimento pode representar uma contribuição significativa para a construção de uma autoimagem positiva das crianças, objetivo final desse trabalho.

Foto 11: Livro de histórias das crianças



Fonte: acervo pessoal.

A escrita das histórias foi realizada pelas famílias e os desenhos, pelas crianças. Dezenove crianças levaram o livro para casa e a mãe de um dos alunos escreveu 2 histórias. Embora a turma tenha iniciado com 22 alunos, 1 não chegou a frequentar a escola e os outros 2 não a frequentaram no mês de dezembro.

Considero que a confecção do livro foi uma experiência exitosa pois, embora a maioria dos familiares demonstre pouca habilidade com a língua portuguesa padrão, a maioria participou e estimulou as crianças a fazerem o reconto. Isso pode ser entendido como uma demonstração de uma valorização da escola e o desejo de parceria em comum, conforme registrado a

3.3 HISTÓRIAS QUE CIRCULAM

Devido ao grande interesse da turma, resolvi fazer uma colcha com as pinturas de todos os alunos. Cada criança ganhou um pedaço de pano americano cru onde pintou a história aprendida em casa ou contada por um colega (FOTO 12). Uma colega de trabalho do turno da tarde costurou os retalhos e eles se transformaram em uma colcha de histórias da turma de cinco anos da UMEI Granja de Freitas, que foi sorteada pela professora referência na última reunião do ano com os familiares.

Foto 12: Crianças pintando histórias em tecido



Fonte: acervo pessoal.

A colcha significava uma metáfora da união e do pertencimento à comunidade, sentimentos esses tão caros à cultura africana. Meu primeiro contato com o conceito de circularidade deu-se no curso “A cor da cultura”, quando participei como representante da UMEI. Essa ideia me tocou porque na roda não há hierarquia, todos estão no mesmo nível de importância. As histórias, ideias e sentimentos circulam. Como já cantou Chico Buarque de Holanda (1976) na música “Todos juntos” do disco *Os Saltimbancos*:

Todos juntos somos fortes
Somos flecha e somos arco
Todos nós no mesmo barco
Não há nada pra temer
— Ao meu lado há um amigo
Que é preciso proteger
Todos juntos somos fortes
Não há nada pra temer.

Em grupo, somos mais que um, somos parte de um todo. Esse sentimento de fazer parte é, sem dúvida, um valor civilizatório africano.

3.4 JOGOS AFRICANOS

A corporeidade também é um dos valores civilizatórios africanos. A compreensão do mundo passa pela experiência dos sentidos. Cantos, danças, jogos, enfim, o corpo é o instrumento através do qual a criança se comunica e apreende o mundo e a cultura na qual está inserida.

Nos meses de maio e junho de 2014, a turma de cinco anos produziu sons com instrumentos de origem africana, dançou ao som da cantora Zinaida, de Moçambique, e brincou de Matucazana (FOTO 13), Terra-mar (brincadeiras de Moçambique) e Meu querido bebê (da Nigéria).

Foto 13: Crianças jogando Matucazana (jogo com sementes)



Matucazana (FOTO 13) se joga com sementes, vence o jogador que conseguir segurar o maior número de sementes, após jogá-las para cima. Para brincar de Terra-mar, traça-se uma linha no chão. Ao ouvir as palavras terra ou mar, as crianças devem pular para o lado onde está a palavra. Brinca-se de Meu querido bebê com a turma em círculo. Uma criança é retirada da roda e esconde o rosto. Enquanto isso, um colega deita-se no chão e o terceiro faz o contorno do corpo do que está deitado. Ao retornar, o colega que saiu da roda deve dizer de quem é o contorno do corpo no chão. As crianças divertiram-se muito realizando as três brincadeiras e riram muito ao brincar de Meu querido bebê.

4 AVALIAÇÃO

A avaliação na Educação Infantil é processual e continuada. Ela foi feita através da observação do interesse das crianças em participar das atividades e das famílias, tanto na reunião quanto na contação das histórias e confecção do livro.

Após conversar com alguns familiares, receber avaliações escritas das família (ANEXO C) e da professora referência (ANEXO D) e, principalmente, observar o interesse das crianças na participação das atividades propostas compreendo que, embora a pouca idade do público alvo, o projeto “África em mim: Histórias que o vovô gosta de ouvir e de contar” cumpriu seu principal fim que é contribuir na construção da autoimagem positiva das crianças através da valorização da cultura das famílias.

Após se observar no espelho elas fizeram seu autorretrato, desenharam suas famílias, ouviram, recontaram e pintaram histórias. Ademais, localizaram os mapas do Brasil e da África no globo terrestre. Uma criança achou que a representação cartográfica do território africano tem o formato de uma arma.

Todos acharam os países africanos pequenos, ao final, dançaram e produziram sons de músicas desse continente distante e, ao mesmo tempo, próximo de nós, brasileiros (FOTO 14). Embora o foco do trabalho fosse a linguagem oral, várias outras foram contempladas como a corporal (dança), plástico-visual (pintura em tecido e desenho), digital (vídeo), escrita (registro de palavras significativas) e matemática (jogos).

A Educação Infantil, como sabemos, é a primeira etapa da educação básica. Portanto, esse é apenas o primeiro contato dos pequenos com a história do nosso país, mas quero crer que essa abordagem seja o primeiro passo para a construção de uma sociedade que conhece e valoriza sua história e a história de seu povo, e quiçá, de um Brasil menos preconceituoso.

Ao refletir sobre o projeto, reconheço que a escassez de recursos foi um limitador. Penso que a participação das famílias teria sido ainda maior se nosso encontro tivesse ocorrido no início do projeto e não no meio.

Entendo a educação como um fazer coletivo, portanto não acredito em atitudes isoladas, mas em uma rede tecida por muitas mãos. Seria interessante criar na instituição momentos de estudos ligados a esse tema para a construção de uma identidade da UMEI, que resulte em um grupo coeso no que concerne ao enfrentamento do racismo na escola. Dos colegas egressos do Laseb, apenas uma continua na escola. Os outros desenvolveram trabalhos relevantes, mas não houve uma continuidade. A rotatividade dos educadores é um dificultador da formação dessa unidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fig. 14 :Turma de cinco anos e professoras Ana Maria Almeida e Luciana Pinho.



Fonte: acervo pessoal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma manhã, eu estava sentada na roda com a turma de cinco anos na área localizada atrás da UMEI, quando uma criança disse: “Professora, aqui na escola eu sinto como se estivesse na minha casa.” E uma outra completou: “E eu, no céu”. Essas falas dizem do quão importante para esses alunos é o espaço escolar. Principalmente quando pensamos que a escola em questão localiza-se em uma das áreas de maior índice de violência de Belo Horizonte e se apresenta, para muitas famílias, como o único espaço público na comunidade.

Ouvir essas meninas me fez sentir que, apesar de viver em um país que não tem a educação como prioridade, sinto que não foram em vão os 25 anos de minha vivência na Educação Infantil. Como já afirmei nesse trabalho, só comecei a frequentar a escola aos sete anos de idade numa época em que a crença era de que a escola detinha o conhecimento e poder sobre os alunos.

Hoje, muitos anos depois, com uma visão mais ampliada, penso que poderia ter sido ajudada a vencer a timidez e construir uma autoimagem positiva, se tivesse oportunidade de participar de projetos que valorizassem também os saberes que estão além dos muros escolares.

Todo o processo vivenciado com as crianças e familiares consolidou em mim a convicção de que o afeto na relação professor-aluno faz toda a diferença e que há muito da África em mim, em nós.

Para além das críticas à educação pública, é preciso fazer a diferença e se implicar na melhoria de sua qualidade. Por essa razão, tenho buscado melhorar minha prática. A experiência do Laseb, tenho certeza, contribuiu para esse objetivo.

REFERÊNCIAS

- AMARILHA, Marly. Literatura e oralidade: escrita e escuta. In: TAUSTER, Tânia; FERREIRA, Lucelena (Org.). *Por que ler?: Perspectivas culturais no ensino da leitura*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2001. p. 84-94.
- AS TRANÇAS de Bintou. Foto JPG. Disponível em: <<http://www.google.com.br/search?q=As+tranças+de+Bintou&...>>. Acesso em 29 abr. 2015.
- BRASIL. Lei 10.639, de 9 janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. *Diário oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 02 ago. 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana*. Brasília, DF, 10 março de 2004. p. 47-48. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/arquivos/leiafrica.pdf>>. Acesso em 22 fev. 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Brasília: Ministério da Educação (MEC) / Secretaria da Educação Fundamental (SEF), 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil* / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília : MEC/SECADI, UFSCar, 2014.
- CONVERSAS - a cor da cultura com grupo de alfabetização. O menino Nito. Foto, JPG Disponível em: < <http://salafuturamare.wordpress.com/2013/11/12/conversas-a-cor-da-cultura-com-grupo-de-alfabetizacao/>
- HOLANDA, Chico Buarque de ; BARDOTTI, Sergio; BACALOV, Luis Enríquez. Todos juntos. *Saltimbancos*, 1976. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=VpNTAMQz4E>>. Acesso em: 29 set. 2014.
- MACHADO, Ana Maria. *Menina bonita do laço de fita*. Rio de Janeiro: ATICA, 1994.
- MUNANGA, Kabenguele . *Superando o racismo na escola*. Brasília: 2005.

O ELEFANTE escravo do coelho. Foto, JPG. Disponível em: <<http://shopping.uol.com.br/o-elefante-escravo-do-coelho-col-giramundo-reconta-sonia-junqueira-8575265180.html>>. Acesso em: 05 out. 2014.

O MENINO Nito - Então, homem chora ou não? - Sonia Rosa. Livros animados. A cor da cultura. São Paulo: Canal Futura (4min22), color., son. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=po2_6US71Nw>. Acesso em: 30 out. 2014.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. Projeto Político-Pedagógico da UMEI Granja de Freitas. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Granja_de_Freitas_\(Belo_Horizonte\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Granja_de_Freitas_(Belo_Horizonte))>. Acesso em 29 abr. 2015.

QUILOMBO dos Palmares. Direção: Paula Saldanha e Roberto Werneck. Rio de Janeiro: TV Brasil (7min46.), 16/11/2010, color., ., son. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=zHFfLuUD8Dw&feature=youtu.be>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. *Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaço de educação infantil*. 2011. Tese (Doutorado) — Universidade Católica de São Paulo, 2011.

VALLE; Paulo; GARCIA, Péricles . O herói. *Outros Heróis*. 2003. Disponível em: <<http://www.periclesgarcia.com.br/outros-herois/>>. Acesso em: 20 set. 2014

VIEIRA, Francisco Sandro Silveira. Do Eurocentrismo ao Afropessimismo: Reflexão sobre a construção do imaginário da “África” no Brasil. *Em Debate* (PUCRJ. Online) , v. 3, p. 1-15, 2006. Disponível em: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_emdebate.php?strSecao=OUTPUT&fas=25&NrSecao=11>. Acesso em: 20 out. 2014.

APÊNDICES

Apêndice A: carta à família para divulgar o do projeto “*África em mim*: Histórias que o vovô gosta de ouvir e de contar” a ser desenvolvido.

Belo Horizonte, _____ 2014.

Srs. Pais e/ou responsáveis;

Estamos iniciando o projeto “*África em mim*”. Esse projeto contempla a Lei Federal nº10.639/2003, que torna obrigatório o estudo da História da África e da cultura afro-brasileira nas escolas brasileiras.

Sabemos que as cantigas de roda, a capoeira, algumas danças, vários pratos da nossa culinária fazem parte da herança dos nossos antepassados africanos.

O trabalho será realizado de forma lúdica, isto é, através de brincadeiras, histórias e jogos. A participação da família é fundamental para o sucesso desse projeto.

Inicialmente peço-lhes que respondam às duas perguntas abaixo:

- a) Você acha importante o estudo desse tema? Por quê?

Apêndice B: Termo de Autorização de uso de imagem e de depoimentos sem fim comercial



Coordenadora Geral do Curso

LASEB

Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica

Belo Horizonte, 6 de agosto de 2014.


Aos Pais/Responsáveis:

A Profa. Ana Maria de Souza Almeida desenvolverá, nesta escola, o projeto “*África em mim: Histórias que o vovô gosta de ouvir e de contar*” relacionado a seu trabalho final de curso de Pós-Graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Esse trabalho será orientado por professores da UFMG e seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos sua colaboração em entrevistas e outros dados necessários ao projeto e autorização para uso de seus relatos, imagens e vídeos no referido trabalho.

Atenciosamente,


 Vanessa Sena Tomaz
 CIC 515 329 216-91
 M 2716653 – SSP/MG
 Pesquisadora

Coordenadora Geral do Curso

Nome do aluno (a):

De acordo: assinatura dos pais/responsáveis pelo(a) aluno(a): _____

ANEXOS

Anexo A: Música “O Herói” (Letra Paulo Valle – música: Péricles Garcia)

Segue a luta sempre em busca do melhor
Muito além de todos nós
Procurando desfazer aqueles nós
Que sufocam nossa voz

Quando o mal quase nos vence no final
Um sinal se põe no ar
A voar vem o herói pra nos salvar
Traz leveza pra sonhar

Mas, por trás dos olhos verdes, sei
Que conheço tão bem você
Posso ver o que não sei dizer
Mas, que sinto tudo porque

Quero ser o seu espelho assim
Ter o dom de fazer nascer
Seu poder é infinito em mim
Esse amor que não vai morrer

Tendo a força de um leão no coração
E a coragem a seu dispor
Se dispondo a ajudar sem se cansar
A alegria é seu calor

Se um calar faz sombra sobre o nosso lar
Com sua luz posso contar
Conto as horas pra poder te encontrar
Seu sorriso é meu lugar

Essa estrela que você criou
Brilha sempre dentro de mim
Ninguém pode me fazer o mal
Nada mais pode ser ruim

Sua fé e determinação
Trazem paz pra eu me encontrar
Tenho orgulho em acreditar
Nesse herói dentro do meu lar
Nesse herói dentro do meu lar

Superseja o que quiseres
Queira tudo aquilo que tiver
Mude sempre algo que puderes
Viva intensamente o que vier

Anexo B: História enviada pela família do aluno

DANIEL

A LENDA DO TAMBOR AFRICANO

Dizem na Guiné que a primeira viagem à Lua foi feita pelo macaquinho de nariz branco. Segundo dizem, certo dia, os macaquinhos de nariz branco resolveram fazer uma viagem à lua a fim de trazer a terra. Após tanto tentar subir, sem nenhum sucesso, um deles, dizem que o menor teve a ideia de subir uns por cima dos outros, até que um deles conseguiu chegar à lua.

Porém, a pilha de macacos desmoronou e todos caíram, menos o menor, que ficou pendurado na Lua. Esta lhe deu a mão e o ajudou a subir. A Lua gostou tanto dele que lhe ofereceu, como recompensa, um tamborinho. Um macaquinho foi ficando por lá, até que começou a sentir saudades de casa e resolveu pedir à lua que o deixasse voltar.

A Lua o amarrou ao tamborinho para descer-lo pela corda, pedindo a ele que ele não tocasse antes de chegar à terra e, assim que chegasse, tocasse bem forte para que ela cortasse o fio.

O macaquinho foi descendo feliz da vida, mas no metade do caminho não resistiu e tocou o tamborinho. Ao ouvir o tambor a lua pensou que o macaquinho tivesse chegado à terra e cortou a corda. O macaquinho caiu, antes de morrer, ainda pode dizer a moça que o encontrou, que aquilo que ele tinha era um tamborinho, que deveria ser entregue aos homens do seu país. A moça foi logo contar sobre o ocorrido.

Vieram pessoas de todo país e, naquela terra africana ouviram-se os primeiros sons do tambor.

P.M. História contada pela mãe do Daniel - OUT/2014

Fonte: dados da pesquisa.

Anexo C: Avaliação realizada por uma mãe de aluna

U.M.E.I Granja de Freitas

Avaliação do projeto "África em mim :historias que o vovô gosta de ouvir e de contar".

Na minha opinião, esse trabalho é ótimo não só para as crianças mas também para nós adultos. Pois esse trabalho nos faz voltar a nossa infância.

Este projeto nos faz conhecer e valorizar a cultura afro-brasileira. Através de histórias, músicas, danças e outros. Eu acho muito importante pois nos dias de hoje, não vemos mais crianças brincando de roda muito menos contando histórias. Este projeto, não só me fez conhecer um pouco mais da história dos meus antepassados, como também me despertou para contar também histórias, (da vida real) e também ensinar a minha filha a importância de ser criança, eu sempre estou cantando, e contando histórias para a minha filha.

Eu só tenho a agradecer, por essa oportunidade, "de ser criança." e fazer parte dessa história. Todos nós temos um pouquinho da "África em nós" obrigada.

Ass: Izaltina dos Santos Araújo.

Anexo D: Avaliação realizada pela professora referência da turma

U.M.E.I Granja de Freitas

Avaliação do projeto "África em mim :historias que o vovô gosta de ouvir e de contar".

O projeto "África em mim; historias que o vovô gosta de ouvir e de contar", desenvolvido pela professora Ana Maria, na turma de 5 anos, trouxe grandes contribuições para as crianças. O projeto explorou a linguagem oral e escrita, aproximou as famílias da escola e explorou de forma criativa e didática a Lei 10.639. Participei dos diferentes momentos do projeto e fiquei muito feliz em ver o empenho dos pais no desenvolvimento das atividades do projeto.

Belo Horizonte, dezembro de 2014.

Luciana Gonçalves Pinho

Profª referência da sala de 5 anos.

Fonte: dados da pesquisa.